Comunicação para mobilização em defesa de territórios ancestrais desde a terra e as águas: entre espaços-tempos comunitários e digitais[1]

Sarah Fontenelle Santos[2]
Luan Matheus dos Santos Santana[3]
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
Universidade Federal do Ceará - UFC

RESUMO
Desde uma pesquisação (Tripp, 2005), nos propomos a descrever as ações mobilizadoras da comunicação colaborativa realizada junto à Plataforma de Comunicação Popular OcorreDiário e as comunidades Macapá, Barra Grande (no litoral do Piauí) e a Boa Esperança (Teresina-PI). O arcabouço teórico e metodológico que nos acompanha parte de concepções críticas que nos permitem problematizar os usos e ocupações territoriais como Milton Santos (2002), além de nos aliarmos às compreensões contra e anticolonais com Nêgo Bispo dos Santos (2015) e Cusicanqui (2018). Em nossos resultados observamos que uma comunicação mobilizadora e participativa contribui para deslocar, não somente as metodologias do fazer jornalístico e comunicacional, mas também as lutas por direitos nos territórios.
PALAVRAS-CHAVE: comunicação popular e insurgente; contracolonialidade; jornalismo; território.

Este trabalho tem como objetivo descrever as ações mobilizadoras da comunicação colaborativa realizada junto à Plataforma de Comunicação Popular OcorreDiário e as comunidades Macapá e Barra Grande no litoral do Piauí e a Boa Esperança, entre os rios Parnaíba e Poty, na capital piauiense. Uma descrição se faz desde a experiência dos/as pesquisadores/as no seu fazer jornalístico junto à Plataforma Ocorre Diário. Portanto, os resultados deste artigo são objetos de uma pesquisa-ação (Tripp, 2005) que se faz há pelo menos 7 anos e se espraia de diferentes formas a partir das suas coberturas e relações que são estabelecidas, uma vez que se trata de "um processo corrente, repetitivo, no qual o que se alcança em cada ciclo fornece o ponto de partida para mais melhora no seguinte" (Tripp, 2005. s/p). É também um relato auto-etnográfico, como um ampliador de horizontes analíticos. Aqui o uso do 'Eu' é uma forma de "nos levar a algum lugar onde não poderíamos chegar. Tem que ser essencial para o argumento,

[1] Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE12 - Economia Política da Comunicação, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.
[2] Professora dos Cursos de Jornalismo e Relações Públicas, email: sarah.fs@ufma.br.
[3] Doutorando pelo PPGCOM-UFC, email: luammatheus@gmail.com

não um floreio decorativo, não uma exposição para o seu próprio bem (Adams, Ellis e Jones, 2015, p. 40).

Do ponto de vista teórico**,** tomamos por bases as noções de contra-colonialidade de Antônio Bispo dos Santos (2015; 2023) e Cusicanqui (2018) para re-editar os sentidos de comunicação e do jornalismo, tendo em vista seu potencial mobilizador dentro da luta política e da auto-organização popular. Para Santos (2023, p.132) desde a comunicação e o jornalismo a mobilização dentro do processo comunicativo popular e insurgente agem "como as diferentes formas e táticas emaranhadas nos saberes populares, para construir um projeto de vida justo e solidário, tendo a coletividade e o diálogo como categorias chave". Neste sentido, as parcerias da associação Ocorre Diário junto às comunidades que enfrentam processos de desterritorialização no Piauí contribuem para a elaboração das narrativas e construção da palavra coletiva anunciando seus projetos de bem viver, tendo as histórias de vida e suas memórias como as principais ferramentas em defesa do território.

Pescadores e pescadoras nas comunidades de Macapá e Barra Grande enfrentam o peso da grilagem de suas terras em nome de um turismo explorador e predatório que não dialoga com as famílias que já habitavam o lugar, tendo seus modos de vida ameaçados, incluindo ameaças contra sua integridade física. Já a comunidade Boa Esperança, que se auto-reconhece como afropindorâmica e quilombola, enfrenta há mais de 10 anos o projeto urbanístico denominado Programa Lagoas do Norte, que já desterritorializou mais de 500 famílias em nome do desenvolvimento e do desejo de remodelar a área com parques, museus, alargamentos de ruas, tornando propícia a ocupação para a elite local. Como forma de colaborar com a mobilização e a auto-organização o OcorreDiário têm adotado métodos de elaboração de reportagens para o seu site que tem como ponto de partida a escuta, as rodas de conversas e as trocas colaborativas para construção das narrativas, na busca para tornar o processo de elaboração da palavra um ato plural e coletivo.

Para este artigo, nos interessa observar também como as tecnologias digitais, aliadas à terra e seus saberes ancestrais podem construir soluções comunitárias para o nosso tempo, mesmo diante da precariedade em que atuam os jornalistas independentes empenhados em romper com a história única e oficial para irromper as lógicas coloniais e colocando no lugar outras epistemes e ontologias. Todavia, sabemos que esses

processos são complexos. Na perspectiva hegemônica eles estão inseridos dentro de uma lógica fabricada na modernidade/colonialidade. O fazer jornalístico contemporâneo, em especial, o fazer jornalísticos no ambiente digital, é uma por si só uma invenção colonial. Mas também saber que há resistências, que há muitos fazeres que se opõem e propõem outros jornalistas.

Além disso, compreendemos que as tecnologias podem ser - e de fato são - mais que meros aparatos técnicos e digitais, como nós fizeram acreditar os etnocentristas defensores de uma suposta racionalidade tecnologia (Feenberg, 2001). Aqui, dialogamos com Vieira Pinto (2005), que nos apresenta uma visão de tecnologia múltiplas e diversas, que se fazem de diferentes formas e por diferentes culturas, para cumprir um papel social. É essa tecnologia, a tecnologia que germina do chão e do mergulho profundo das águas, que enveredamos nesta análise, emaranhadas nas tecnologias digitais. Se o jornalismo convencional que se faz na internet, em formato empresarial, mantém a lógica do lucro típica do colonial capitalismo, o jornalismo praticado no Ocorre Diário, assim como de outros grupos sociais posicionados à margem do sistema capitalista, interage com elementos culturais, econômicos, organizacionais e de consumo deste sistema, porém, empregando novos significados, usos e propósitos (Santana, 2023). Um processo denominado por Neuman (2008) de apropriação social da tecnologia.

REFERÊNCIAS

Exemplo com 01 autor:

ADAMS, at al. **Autoethnography: Understanding Qualitative Research Series.** New York, NY: Oxford University Press, 2015.

FEENBERG, Andrew. **Questioning technology.** 3. ed. London: Routeledge, 2001.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. Un mundo Ch'ixi Es Posible: Ensayos Desde un Presente en Crisis. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações.** Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

Santos, Sarah Fontenelle. **Comunicação popular e insurgente da Boa Esperança**: entre território, memória e histórias de vida em "Lagoas do norte para quem?" / Sarah Fontenelle Santos. - Natal, 2023. 263 f.: il.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O conceito de Tecnologia.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. 2 v.

Tripp, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Em Foco: Pesquisa-ação sobre a prática docente • Educ. Pesqui. 31 (3) • Dez 2005. https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000300009

NEÜMAN, María Isabel. **Construcción de la Categoría" Apropiación Social"**. Quórum Académico, v. 5, n. 2, p. 3, 2008.